

A desativação gradativa da construção civil sugere a necessidade de criação de alternativas econômicas que sejam capazes de impedir a explosão de graves problemas sociais, gerados pela constante migração para a Capital.

tivos fiscais. Para não prejudicar o Nordeste e a Amazônia, que são áreas carentes, vamos, por exemplo, criar um Fundo de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília, que, ao mesmo tempo em que seja utilizado por prefeituras, Governos de Estado, etc, entregue "prêmios" na forma de participação acionária, nos projetos industriais. Esta, é a sistemática de incentivos de desenvolvimento regional na Europa, na França, —prêmios, na forma de participação acionária.

Então, tenho a impressão de que poderíamos, inclusive nessa área, alterar, reformular procedimentos. Não se trataria nem de participar dos incentivos, por exemplo, da Sudam e da Sudene, mas de criar um Fundo de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília capaz de oferecer prêmios, por exemplo, que favoreçam a utilização de mão-de-obra.

Brasília tem que retomar um pouco a sua criatividade, para ser o lugar onde se modificarão métodos e, em consequência, se visualizará um novo perfil de sociedade, porque há um consenso crítico sobre o modelo econômico brasileiro — todos, os próprios empresários, a consciência crítica, o próprio Governo admite que está errado. Por que não usar, então, Brasília como a ponta de lança para um novo modelo de desenvolvimento social mais humano, mais criativo, mais participativo?

PINHEIRO CABRAL — Paulo, permita-me um adendo.

A hora está chegando, porque Brasília está completando 20 anos. Fazendo um paralelo com o indivíduo, quando o indivíduo atinge mais ou menos essa idade, 19, 20 anos, é a idade em que o pai, que a família espera que ele já tenha completado sua preparação para a vida e que, dali em diante, se torne mais ou menos auto-sustentável. Então, do ponto de vista de tempo, da cronologia, a época ideal para se pensar nisso talvez seja mesmo agora, em que a cidade já está adquirindo — digamos assim — responsabilidade de tal envergadura que lhe permita tomar suas decisões, ouvindo mais sua comunidade, medir mais as forças dentro de

Brasília. É a hora de entregar a chave da casa, como habitualmente fazemos nas famílias, quando o indivíduo completa 18, 19 anos.

Brasília já está-se aproximando dessa época. Na realidade, é uma coisa que não se pode desdenhar, porque senão vamos nos tornar dependentes, como aquelas famílias dos romances de Machado de Assis, em que havia um indivíduo que sustentava a casa toda, mas quando aquele indivíduo desaparecia o caos tomava conta da família.

CB — Agora, uma pergunta para o Lindenberg. Você acha que o empresariado de Brasília está em condições de receber essa chave?

LINDENBERG — Na medida em que surgem as necessidades, a empresa procura adaptar-se à situação, e procura investir onde existe, possibilidade de lucro, recursos. Isso é uma consequência natural. Vou citar um exemplo aqui. Esse programa que foi montado pelo Governo, na área rural, o PADEF — Plano de Assentamento Dirigido — é uma experiência que trouxe resultados. Vemos que nas regiões circunvizinhas a Brasília vendeu-se, ou arrendou-se terra por um preço acessível, houve financiamento de mecanização agrícola, e plantou-se soja, plantou-se arroz, criou-se gado. Fui examinar há poucos a área do Programa. Achei uma experiência muito válida. No momento em que se criou o incentivo, muitos passaram a desenvolver uma área que estava abandonada, aqui no Distrito Federal. Podem ter certeza de uma coisa: quando o mercado exige, as empresas aparecem.

CB — Têm condições, assim de aparecer. A produção de soja dessa área, no ano que vem, já poderá comportar a implantação de uma indústria de beneficiamento de soja?

LINDENBERG — Está aí. Daqui a alguns dias já se pode pensar onde vamos usar essa produção de soja. Aparecerão recursos.

— Provavelmente vai haver até pressão, no Distrito Federal, para acabar com o confisco cambial. (Risos).



Cabral: alternativas na economia

PINHEIRO CABRAL — Cabe agora considerar novamente o seguinte: até então o desenvolvimento nessas atividades tem sido espontâneo, natural, mas, a folhas tantas, não seria conveniente usar um assessoramento, do modo como foi proposto aqui pelo Paulo Timm?

LINDENBERG — É imprescindível.

PINHEIRO CABRAL — A fim de induzir na direção certa, a fim de que o crescimento seja um crescimento ordenado, e não inchaço, deformação da economia. Acho que historicamente o pioneirismo, na fase inicial de Brasília, teve um papel fundamental. Em seguida, você tem de partir para o planejamento, para a planificação, para o estudo prévio e a colocação, no lugar certo, do que se está produzindo, como se está produzindo e na quantidade em que se está produzindo.

— Aliás, todo mundo fala de Brasília, até no exterior. Lembrome de que, quando cheguei a Paris, tão logo os professores souberam que eu era de Brasília tiveram interesse pela cidade. Inclusive quando apresentei alguns trabalhos que tinha feito, me convidaram imediatamente, na Universidade de Paris, para dar

um seminário sobre a experiência de planejamento em Brasília. Brasília tem uma projeção internacional, uma projeção universal, inclusive como cidade planejada. Chegamos aqui, procuramos: onde está o órgão de planejamento, onde está o órgão de alto nível responsável pela realização de estudos em todas as áreas da vida da cidade? Onde estão os nomes, onde estão as obras, os frutos do trabalho? Não existem. Vamos procurar trabalhos sobre Brasília, eles não existem. Vamos à Universidade de Brasília, existem muitas obras sobre Brasília, mas não podem ser sequer publicadas, porque não há canais de publicação, não temos como publicá-las. Os pesquisadores fazem suas teses, seus trabalhos, e muitas vezes se perde a produção.

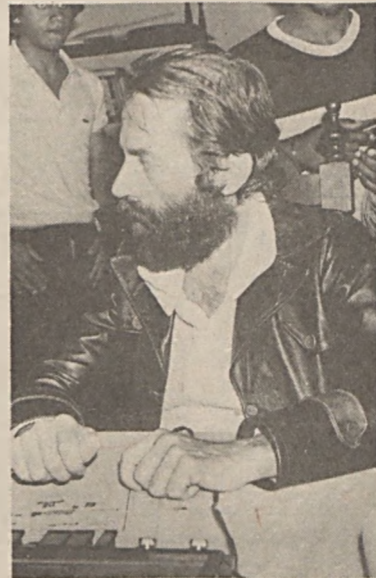
Por incrível que pareça, Brasília tem uma projeção internacional, como cidade planejada. Chegamos aqui, queremos procurar, queremos saber onde estão as obras, onde estão os frutos desse trabalho, e não os encontramos. A verdade é que descobrimos que Brasília é uma cidade que não é planejada, ela não é uma cidade planejada.

LINDENBERG — Muito embora se diga isso.

Agora, Timm, atravessamos etapas. Houve uma etapa em que a preocupação foi a construção de Brasília, encher esse vazio de Brasília. Chegamos a uma época, agora, em que é preciso projetar para o futuro. Já focalizamos outros ângulos da coisa. Não somente Brasília. Já pensamos na região geoeconômica, já pensamos na fixação do homem à própria terra, criação de áreas de lazer. Já chegamos a essa fase de pensar um pouquinho mais adiante. Por conta própria da iniciativa particular ou do governo. Brasília já vai ficar consolidada. Não é esta a preocupação mais.

JONAS — Tomando a sua imagem, muito feliz, sentimos a preocupação total em Brasília de se sair do empirismo daquela iniciativa particular, individual, para uma visão associativa.

LINDENBERG — Para o planejamento,



Timm: é hora de pesquisar mais

PINHEIRO CABRAL — Foi o caminho que todas as grandes cidades do mundo tomaram. Conscientizaram-se disso e começaram a agir em função disso. Ai elas se tornaram grandes.

TIMM — Acho que aí voltamos à questão colocada pelo Correio Braziliense — os canais da participação.

Por exemplo, na parte de ensino, na atual administração educacional, há uma preocupação de eliminar tudo aquilo que é acessório para o objetivo pleno do desenvolvimento.

PINHEIRO CABRAL — Tudo isso é inter-relacionado, como o senhor está dizendo muito bem. Passa-se no mesmo organismo. São funções diferentes no mesmo organismo. Se se criasse essa indústria de vestuário de que falei aqui, então nossas escolas secundárias teriam que começar a dar noções de como trabalhar, como operar aquele tipo de indústria; não se tem de ir para a universidade para fazer isso, pode-se fazer no curso médio.

Então, seria a participação da Secretaria de Educação do governo do Distrito Federal, de dirigir os alunos que saem das escolas para preencher as necessidades que existirão nessas indústrias.

JONAS — No caso de universidade, acho muito importante também que ela tenha em mente essa objetividade futura, fazendo com que exista realmente um ensino universitário em função das características próprias de Brasília.

PINHEIRO CABRAL — Falando na Universidade, posso dizer uma coisa: nossa Universidade tem preocupação com Brasília nos anos 80. A Universidade de Brasília só é dois anos mais jovem do que a cidade de Brasília. Tem mais ou menos a mesma idade.

Temos um decanato de extensão, e um decanato de atividades comunitárias, que estão tremendamente preocupados com isso. Nosso decanato de extensão, por exemplo, está procurando, cada vez mais, oferecer cursos que tragam a comunidade para dentro da Universidade, não com o compromisso de freqüentar aula mas com a participação temporária, periódica, não somente de revisão como de atualização, em suas respectivas áreas, do que está acontecendo no mundo científico-tecnológico.

As atividades de extensão na Universidade de Brasília não tendem a ficar somente no plano das Ciências Humanas, das Ciências Políticas. Ela quer também que as outras unidades que a compõem — o Departamento de Engenharia Elétrica, de Engenharia Civil, de Engenharia Mecânica, de Comunicação e o exemplo mais freqüentemente usado da atualidade da atuação, o Departamento de Recursos Humanos, o Departamento de Administração passem também a promover — e irão promover reuniões com esses segmentos que atuam na comunidade e que as informações, a atualização, se dêem através desses cursos de extensão.

O decanato de extensão quer ligar a Universidade cada vez mais com a comunidade. A mesma coisa o decanato de assuntos comunitários quer fazer. A Universidade de Brasília agora está com 11 mil alunos. Temos planos, nos anos 80, de crescer até chegar 17.500, 18 mil alunos. Temos

capacidade física.

No que diz respeito à necessidade de providenciar mão-de-obra no nível gerencial, a Universidade de Brasília está pensando.

Agora, no que diz respeito ao nível operacional, o fornecimento de mão-de-obra, achamos que isso está mais afeto à Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, porque o homem que vai operar as atividades industriais e comerciais — de que estávamos falando — não precisa ser portador de um diploma de nível gerencial, vai precisar.

E não somente isso. Ele vai precisar de ser alimentado com o que está acontecendo de novo, com as inovações técnicas, com as inovações que vão surgindo. Isso será feito através das atividades de extensão. Cada vez mais haverá atividade de extensão nos anos 80 na Universidade de Brasília.

Através de uma atividade de extensão, nossa Universidade pode providenciar isso, naturalmente dando seqüência ao planejamento global. A Universidade de Brasília está aberta, e ela sempre tem estado aberta e continuará aberta para receber as sugestões de um órgão como este que você desejou fosse criado, de assessoramento em nível superior, de planejamento e direcionamento das atividades econômico-sociais da área do Distrito Federal.

CB — Este órgão de estudos não deveria ter a participação da comunidade?

LINDENBERG — Certamente que sim. Ele deveria ter um Conselho Comunitário.

JONAS — Isso seria o reflexo daquilo que está acontecendo — sintoma, porque trabalho no dia-a-dia de uma cidade-satélite, e não fazemos um plano-diretor simplesmente como nós, administradores, pensamos, que deva ser, em nosso grupo técnico; estamos sentindo, através de reuniões, as opções da comunidade, fazemos aquele plano-diretor que mais corresponde à necessidade e desejos da comunidade. Então, isso deverá ser aplicado em todos os setores de desenvolvimento.